

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

UM PROJETO URBANÍSTICO: HARRY COLE E A CIDADE MODERNA

Maria Cecília Lucchese (EESC-USP)

Um Projeto Urbanístico: Harry Cole e a Cidade Moderna

Resumo:O trabalho analisa um projeto urbanístico do arquiteto carioca Harry James Cole, para uma área rural em Barra Mansa – Rio de Janeiro. O arquiteto, que em meados dos anos 1950 estudou planejamento urbano na Inglaterra e trabalhou no Departamento de Arquitetura do London County Council, responsável pela administração de grande parte da cidade de Londres, trouxe para seus projetos elementos do projeto inglês de cidade moderna, que mistura o repertório da cidade funcionalista e da cidade jardim. Esses elementos, sintetizados em projetos de new towns inglesas e na reconstrução de áreas bombardeadas em Londres, podem ser identificados em projetos do arquiteto, que vimos estudando, e representam uma nova aproximação do ideário cidade jardim.

Este trabalho tem como objetivo apresentar o projeto do arquiteto carioca Harry James Cole (1930 – 1990)

1

para a “Nova Cidade Santo Antônio”, desenvolvido em 1961 para a empresa Terfina Administradora S.A., e proposto para ser implantado em terreno de uma empresa de colonização rural (Companhia Progresso Rural) na cidade de Barra Mansa, Rio de Janeiro.

Harry Cole em 1954, recém formado, foi para a Inglaterra fazer um curso de especialização no Departamento de Planejamento Urbano da Universidade de Londres e lá, em 1956 – 57, trabalhou com o “Grupo de Reconstrução de Áreas” no Departamento de Arquitetura do London County Council, órgão encarregado dos projetos e obras de reconstrução de Londres e que desenvolveu o plano diretor de algumas cidades novas. Essa experiência teve grande influência nos trabalhos urbanísticos do Arquiteto, e está claramente presente no projeto que iremos analisar neste trabalho.

Consideramos este projeto um elemento importante no bojo de pesquisa mais ampla que estamos realizando sobre a obra urbanística de Cole, por sua relevância enquanto projeto urbanístico do Arquiteto e por nos permitir aprofundar as influências do urbanismo britânico, em especial o desenvolvido após a 2ª Guerra Mundial, nas concepções urbanísticas de profissionais brasileiros.

Nova Cidade Santo Antônio – uma new town no Rio de Janeiro?

Barra Mansa é um município fluminense no vale do Rio Paraíba do Sul, localizado na via Dutra próximo à divisa com o Estado de São Paulo, vizinho dos municípios de Volta Redonda e Resende.

Nascido de um posto de parada de tropas na época colonial, no início do século XIX atrairia um grande número de colonos estrangeiros por causa da atividade cafeeira. Em 1930 iniciava-se o desenvolvimento industrial do Município, que se ampliaria com a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda, então distrito de Barra Mansa.

Localizada em um sítio de relevo colinoso, o crescimento horizontal do núcleo urbano ao longo do vale do Rio Paraíba seria limitado pelo relevo, e a cidade, a partir da década de 1950, se desenvolveria através de núcleos populacionais quase isolados, como é o caso do bairro Colônia Santo Antônio.

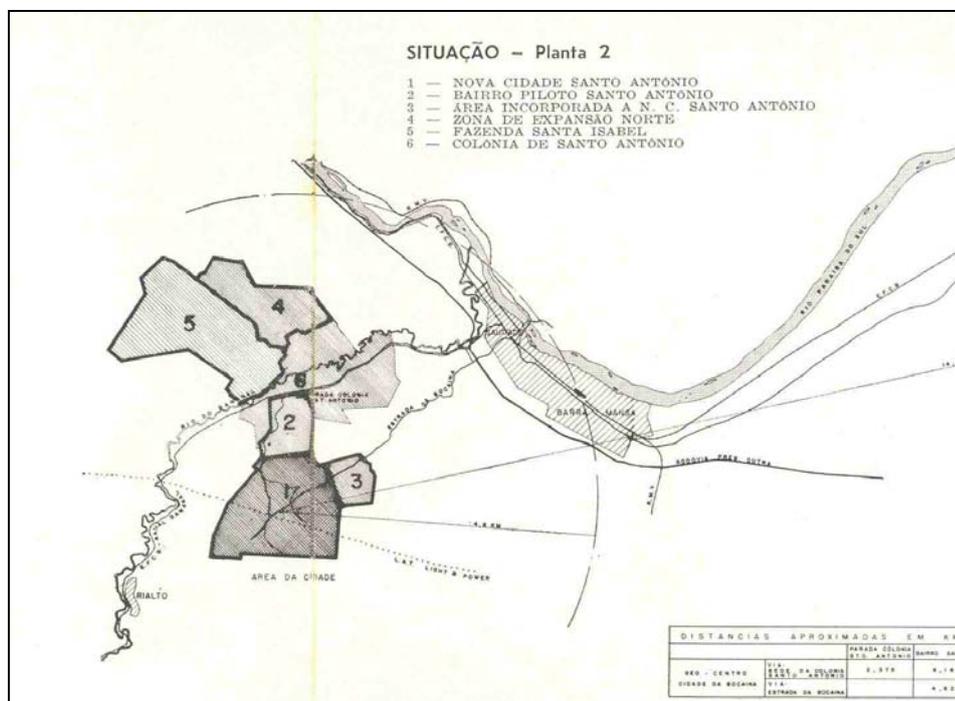
A Colônia Santo Antônio foi provavelmente uma área de colonização agrícola – núcleo colonial, nos moldes preconizados pela Lei de Terras de 1850 para as terras devolutas.

Segundo LOPES (1983) em 1954, com a criação do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, surgiu o Plano Nacional de Colonização que previa o assentamento de

imigrantes em pequenas propriedades rurais familiares. No Paraná caberia à Companhia Progresso Rural a execução do primeiro plano federal de colonização, companhia que implantaria dois núcleos no Centro-Sul.

Possivelmente o outro núcleo é o da Colônia Santo Antônio, implantado por uma Companhia de mesmo nome em Barra Mansa.

“Indo do Rio de Janeiro para São Paulo, na Rodovia Dutra, no quilômetro 112, a uma distância de 3 quilômetros daquela rodovia principal, chega-se à Colônia Santo Antônio instalada há alguns anos atrás pela COMPANHIA PROGRESSO RURAL, empresa de colonização bem conceituada pelas suas realizações em toda parte do Brasil.” (COLE, 1961)



Localização da Colônia Santo Antônio
Fonte: Cole, 1961

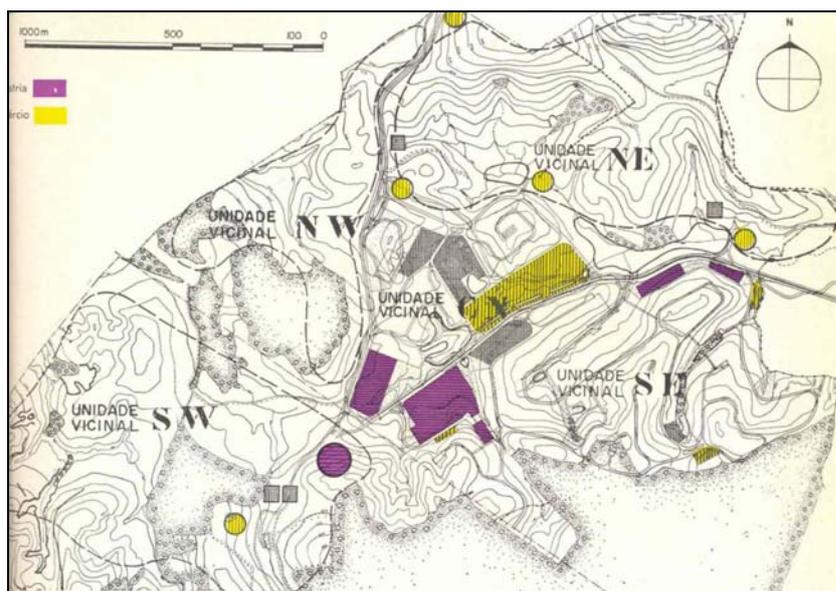
Na década de 1960 o grupo de origem suíça Terfina Administradora Ltda S. A. adquiriu as terras limítrofes à Colônia Santo Antônio, e contratou Harry Cole para ali projetar um loteamento. A intenção da Empresa era criar um bairro que pudesse servir de expansão à atividade industrial de Volta Redonda, abrigando moradias operárias e novas indústrias.

Para este local Cole projetou uma cidade nova

2

, cuja concepção tem semelhanças com o ideário cidade-jardim, em especial com o desenvolvido nas primeiras gerações das New Towns Britânicas.

O plano geral do projeto, apresenta um núcleo central circundado por várias “unidades vicinais”, que está apresentado na figura a seguir.



Fonte: Cole, 1961

Neste desenho podemos perceber as características do relevo – movimentado, as áreas com vegetação de porte – que deveriam ser preservadas, o arranjo radiocêntrico, a idéia de unidades de vizinhança, todas características que aproximariam a proposta do ideário cidade jardim.

O núcleo central é a unidade vicinal CN e as unidades vicinais SE, NE, NW e SW o rodeiam. Além das atividades discriminadas na legenda (áreas em rosa usos industriais e áreas em amarelo áreas comerciais e de serviços), a área central e os pequenos quadrados hachurados em preto são as áreas destinadas às escolas, e a hachura pontilhada, formando grandes manchas (e o fundo de vale na unidade vicinal SE) são áreas parqueadas.

É uma proposta, portanto, que separa as atividades centrais – de maior porte – no centro urbano (geograficamente central), separa as atividades industriais das atividades residenciais e reserva áreas para as primeiras bem localizadas em termos de infra-estrutura viária. Também cria unidades de vizinhança para uso residencial, com pequenos centros de bairro, com escola elementar e comércio de primeiras necessidades. É assim uma proposta de cidade funcional, com separação rígida dos usos (ainda que no núcleo central o uso residencial esteja previsto) e sistema viário principal desenvolvido para o tráfego rápido de veículos, ao mesmo tempo em que lhes aglutina unidades de vizinhança formadas por áreas residenciais com lotes individuais e traçado orgânico (como veremos), característica comum as new towns.

As cidades novas britânicas, ainda que continuadoras da tradição cidade jardim, foram construídas de acordo com uma série de princípios da cidade funcional e, neste sentido, são produto das modificações que sofreu o movimento moderno após 45, em especial, das modificações que a concepção do modernismo teve na Inglaterra.

As primeiras new towns foram estabelecidas através de legislação aprovada pelo parlamento britânico em 1946. Sua instituição, além de poder ser creditada ao trabalho de convencimento desenvolvido por Frederic Osborn

3

através da TCPA.- Associação de Planejamento Urbano e Rural ao qual se aliou o RIBA - Instituto Real de Arquitetos Britânicos, é também fruto da eleição do Partido Trabalhista em 1945, que em seu discurso de campanha tinha aderido a essa idéia.

“Muitas das lideranças partidárias aspiravam a um “socialismo comunitário”, a uma economia planejada e amplamente nacionalizada, como uma alternativa às ineficiências e impessoalidades da economia capitalista.”⁴ (BUDER, 1990, p. 182)

Para eles, o ideário cidade jardim aplicado às cidades novas, tinha capacidade de representar uma nova ordem para a Inglaterra.

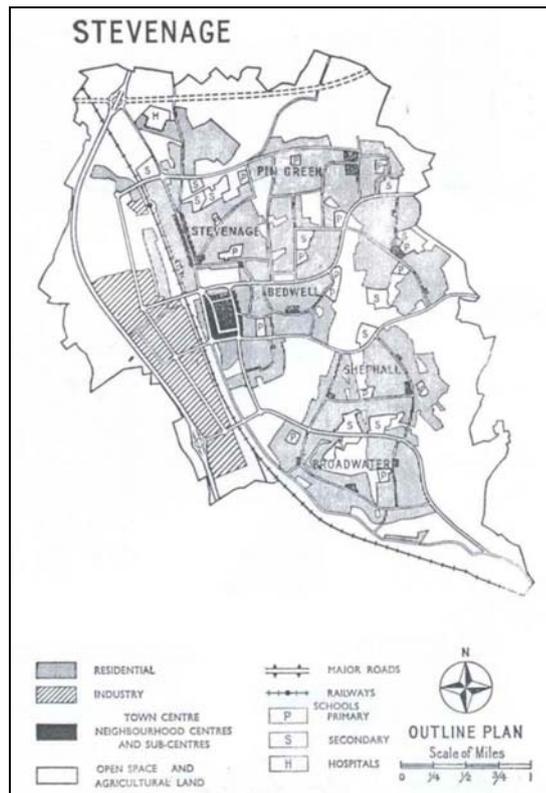
O relatório Reith (resultando no Comitê das Cidades Novas) propunha o desenvolvimento de comunidades auto-suficientes (*self-contained*) e equilibradas (*balanced*). Por equilibradas entendia-se que as cidades novas deveriam possuir moradores de todos os tipos e classes e por auto-suficientes que deveriam ter um leque satisfatório de serviços públicos e privados e de atividades econômicas, bem como oferecer um número de empregos suficientes para absorver a população trabalhadora local. (Cf. BUDER, 1990, p. 184)

Também estabelecia padrões urbanísticos médios, como um padrão populacional entre 20.000 e 60.000 habitantes, um arranjo urbano propiciando baixas densidades (em média 74 habitantes por hectare), o uso da unidade de vizinhança como princípio de organização da estrutura urbana, e a criação de um cinturão verde contornando inteiramente cada cidade.

As primeiras cidades projetadas seguiriam esse padrão, sendo Stevenage – a primeira a ser designada, um bom exemplo dessa solução urbanística.⁵ Como primeiro exemplar de cidade nova, ela teve seu plano diretor preparado por técnicos do Ministério de Planejamento Urbano e Rural (Ministry of Town and Country Planning). O projeto final foi desenvolvido por Clifford Holliday. A cidade foi designada em Novembro de 1946 (criada a corporação para procurar o terreno e preparar os planos), e foi construída em uma área de 2.487,29 ha que englobava o vilarejo de Stevenage, no distrito de Hertford, a cerca de 48 km do centro de Londres. Foi prevista uma população inicial de 7.000 e final de 80.000 habitantes.

Como todas as primeiras cidades no entorno de Londres, o objetivo foi ocupá-la com população da cidade de Londres, dentro da política de desconcentração populacional da cidade.

Seu plano está apresentado na figura a seguir.



Plano de Massas de Stevenage
 Fonte: GIBBERD (1972), p. 89

Os princípios de projeto são desdobramentos da cidade jardim “howardiana”, um arranjo que localiza as unidades de vizinhança no entorno do centro comercial, a área industrial localizada separada da área residencial num local privilegiado em termos de acesso, um sistema viário hierarquizado, com separação entre o tráfego de pedestres e o de veículos, uma área residencial de baixa densidade. Mas também estão presentes elementos da cidade funcional, como a separação de funções, a construção de edifícios de apartamentos “soltos” na quadra, o projeto de um centro urbano vertical e especializado. É o mesmo arranjo que encontramos na proposta de Cole, ainda que o projeto de Cole seja bem menos detalhado.

Mas se o projeto de Stevenage é de meados dos anos 1940 e parece estar distante do período em que Cole se formou ou fez seus estudos na Inglaterra, temos que considerar que o desenvolvimento dos projetos das new towns não sofreu alterações muito profundas, e podemos dizer que na metade dos anos 50 a concepção pode ter sido aprimorada, mas não mudara em essência.

Segundo RODWIN (1967), as cidades novas que até aquele momento tinham sido construídas (meados dos anos 60 portanto, uma década mais tarde), não eram semelhantes, seja no projeto físico ou no desenvolvimento da política. Mas tinham o suficiente em comum para permitir a seguinte caracterização:

“A maioria é relativamente pequena, tendo entre 20.000 a um pouco mais de 100.000 habitantes previstos, sendo que o tamanho mais comum fica entre 60.000 a 80.000 habitantes. As áreas residenciais são geralmente divididas em várias unidades de vizinhança com aproximadamente o mesmo tamanho, cada uma delas contendo uma ou mais de uma escola primária, áreas comerciais e diferentes tipos de locais para recreação, e todas são agrupadas no entorno de um centro urbano principal. As escolas secundárias normalmente são localizadas entre unidades de vizinhança, lindeiras ao sistema viário principal. As áreas industriais, servidas por conexões ferroviárias e rodoviárias, estão colocadas em vias que passam junto ao centro principal. Anéis viários cercam as cidades, e vias secundárias conectam as principais unidades de vizinhança e os distritos. Pequenas, e geralmente em curva, ruas locais conectam as várias quadras das unidades de vizinhança. Como regra, as unidades de vizinhança e o centro urbano favorecem mais o acesso de pedestres e veículos de serviços públicos, mas tem aumentado a intenção de favorecer o acesso de veículos particulares. O formato das cidades é irregular, e geralmente não é facilmente percebido a não ser em vistas aéreas ou utilizando-se de mapas. Há abundância de espaços abertos públicos. A densidade da maioria das cidades é relativamente baixa, entre 44 a 49 casas por hectare.”⁶(p. 150)

GIBBERD (1972) analisando o projeto das cidades novas inglesas, acaba por concordar com RODWIN (1967) no que se refere às semelhanças e diferenças entre elas.

“Ainda que todas as cidades novas tenham uma genérica similaridade em sua aparência, todas foram construídas em um pequeno espaço de tempo por uma sociedade com características comuns, cada uma tem seu próprio e individual caráter ou personalidade, que se deve às características físicas do terreno, a individualidade das corporações responsáveis e a imaginação dos projetistas por cada uma delas.”⁷
(GIBBERD, 1972, p.88)

Com essa consideração inicial passa a descrevê-las, dizendo que todas terão em comum um desenho orgânico. E que esta organicidade acaba expressa no plano diretor de cada uma delas, que é o passo inicial do seu projeto.

O autor também coloca que as cidades novas, enquanto projeto, da mesma forma que a cidade jardim de Howard, atendem ao que há de mais culturalmente enraizado no modo de vida britânico.

“O padrão dos planos diretores é baseado em nosso modo de vida urbano, um modo que, antes de tudo, prefere segregação entre casa e trabalho, que tem um inato amor

pela natureza, que gosta de exercícios ao ar livre, e que, ainda que demande privacidade para a família, gosta de algum tipo de vida comunitária. É um modo de vida de famílias, que em sua maioria, não gosta muito de viver nos centros urbanos, preferindo o ambiente do subúrbio, com casas assobradadas com jardins individuais, que é um tipo de vida que depende muito do transporte motorizado, e para o qual o carro individual é o meio de transporte ideal.”⁸(GIBBERD, 1972, p.90)

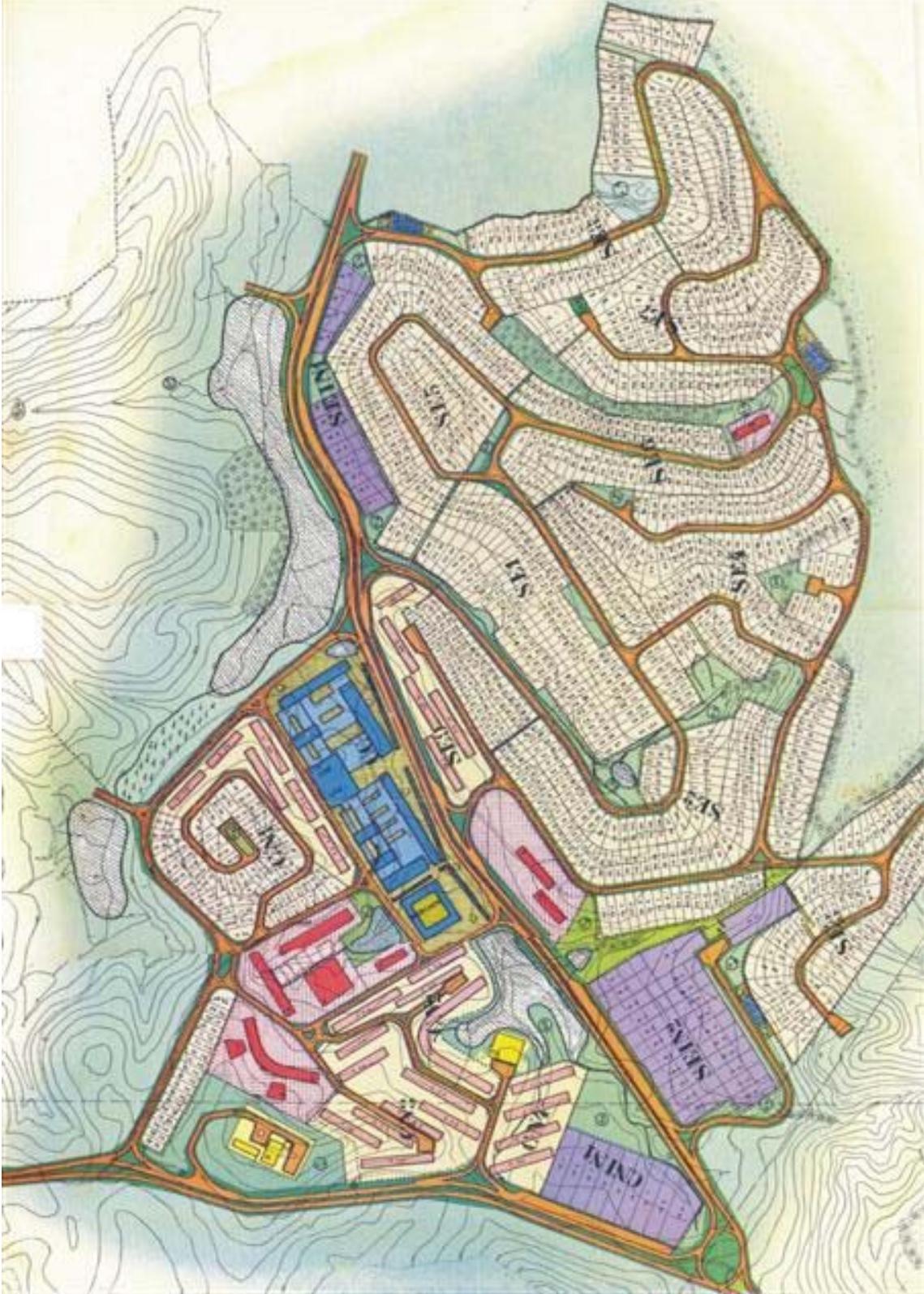
As soluções portanto, ainda que desenvolvidas por diferentes urbanistas, pouco diferem umas das outras. E apresentam uma evolução, fruto das pesquisas que foram realizadas com os moradores das primeiras cidades e da experiência ao longo dos 30 anos em que foram projetadas e construídas.

Em Stevenage as áreas residenciais são de baixa densidade, com uma predominância de residências unifamiliares assobradadas. Alguns edifícios de apartamento de 4 e 7 andares foram projetados próximos ao centro comercial, e segundo OSBORN (1963) se caracterizaram como um erro.

“A construção de prédios altos, principalmente tão no início da experiência, vem sendo percebido como um erro. Provavelmente o motivo foi ter uma pequena proporção de apartamentos próximos ao centro urbano. Projetados para moradores de classe média, ele não se mostraram aceitáveis para os trabalhadores que primeiro vieram para a cidade, cuja reação natural foi dizerem que estavam fartos de prédios de apartamentos em Londres, no meio de todo tipo de lazer que uma metrópole proporciona. Se eles tivessem que ter o mesmo tipo de habitação em Stevenage eles preferiam continuar em Londres.”⁹(p. 158)

A manutenção de um tipo de ocupação do solo – residências unifamiliares – é então justificada como uma característica cultural britânica, e essa tradição culturalista se antepõe de forma inequívoca aos edifícios do “espírito novo” dos anos 1930.

A proposta para a área residencial da Nova Cidade Santo Antônio, de Cole, mostrada em uma das unidades de vizinhança que circundam o centro, traz o mesmo tipo de repertório. Esta, denominada unidade vicinal SE, deveria ser a primeira a ser implantada, e é detalhada no desenho que apresentamos a seguir, que mostra além dessa unidade a denominada central.



Fonte: Cole, 1961

A unidade de vizinhança é formada por lotes individuais de diferentes tamanhos: pequenas granjas (RA), lotes intermediários (RB) e lotes urbanos (RC), que são misturados no projeto. Tem ainda uma pequena quadra com habitações coletivas (SE9) situadas nas proximidades da “unidade central” e lotes industriais (SEIN1 e 2), todos esses usos lindeiros à via estrutural que abraça a área central e a divide da unidade de vizinhança residencial.

São propostas para a área 4 escolas primárias (P - vermelho) e três núcleos comerciais (CL – lotes azuis).

As quadras são de grande tamanho, minimizando o sistema viário, solução técnica adequada ao tipo de topografia, e também utilizada nas experiências inglesas. Algumas ruas são sem saída, terminando em espaços abertos e fundos de vale, que ficam destinados ao lazer e a arborização. É a solução da casa no lote individual, comum ao repertório cidade jardim, mas também comum e tradicional dos assentamentos urbanos brasileiros. Veja o afastamento dos lotes em relação ao sistema viário, na Quadra SE1, solução típica do alinhamento das construções nas new towns britânicas.

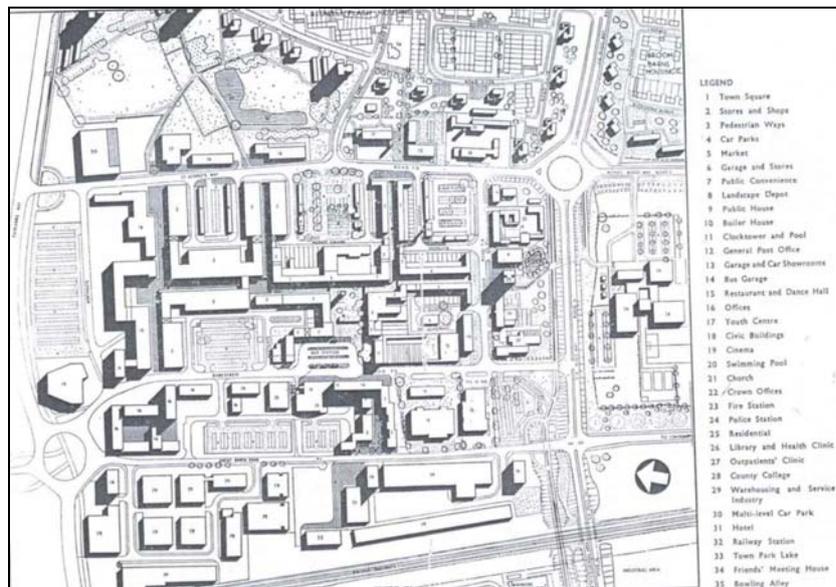
Mas a solução habitacional “moderna” – de edifícios-lâmina soltos numa grande quadra, também aparece no SE9, ainda que de forma tímida e não preferencial.

O núcleo central, possui uma grande quadra onde se localizam as atividades comerciais e de serviços (CC em azul claro e escuro), implantadas em uma grande praça de pedestres.

Possui ainda uma área residencial, de maior densidade, seja pela proposição de lotes individuais de menor tamanho, seja pela predominância de edifícios residenciais soltos no lote (em cor de rosa – RD). Em termos volumétricos, ao desenharmos um corte da proposta urbanística, teríamos uma pirâmide, com um centro dominado pelos edifícios altos e uma periferia ocupada por casas de baixa altura, nada diferente dos desenhos de Le Corbusier para a Ville Contemporaine.

Também neste centro está localizado o restante das áreas industriais (roxo), formada por grandes lotes com acesso direto pela via de grande porte que margeia o centro urbano.

E como era proposto o centro urbano nas new towns? O desenho a seguir mostra o centro urbano de Stevenage.



Plano de Massas para o Centro Comercial de Stevenage
 Fonte: OSBORN, 1963, p.162

O centro comercial de Stevenage também é projetado como uma grande quadra destinada à pedestres, ocupada por edifícios distribuídos de forma a criar arranjos volumétricos com praças entre eles. Só que nessa primeira new town, o uso comercial e residencial foi misturado, e algumas ruas de acesso restrito foram criadas. Mas a crítica já devia estar sendo feita em meados dos anos 50, como é feita posteriormente por GIBBERD (1972). Segundo este autor isto mostrou ser um erro, pelo conflito gerado entre a circulação de pedestres e veículos, e nos projetos posteriores aos poucos foi sendo desenvolvido para os centros urbanos um arranjo de edifícios em um “calçadão” de pedestres.

A proposta de Harry Cole para a Nova Cidade Santo Antônio apresenta essa concepção de área central, um grande calçadão com edifícios formando arranjos volumétricos e distribuídos em seu interior, e essa concepção modernista – que também é a que prepondera nas new towns – foi idealizada conforme apresentada na figura a seguir.



Fonte: Cole, 1961

Nesse desenho podemos observar a praça comercial, formada por um conjunto de edifícios altos, implantados sobre uma “base” horizontal, que provavelmente abrigaria as lojas.

O centro cívico e comercial também apresenta outra proximidade entre a proposta “howardiana” e a desenvolvida por Cole. Nele é previsto “nas extremidades do centro, 2 áreas de recreação com lagos proporcionando áreas livres e desafogada, como que um remanso para passeios e diversões dos habitantes” (op. cit.), com claras semelhanças com o centro do esquema de cidade jardim.

Várias semelhanças com os projetos da new towns podem ser apontadas.

No memorial descritivo do projeto, o sistema viário recebe grande atenção.

“A rede circulatória interna foi estudada dentro do conceito moderno de ‘segregação de tráfego’, a fim de permitir livre fluxo dos tráfegos de diferentes categorias.” (COLE, 1961)

E o sistema viário principal é assim proposto:

“Classe A – tráfego de ligação com rede regional de circulação e tráfego pesado, dentro da área em estudo. Carros de passeio, coletivos locais e para ‘commuters’, caminhões. Velocidade de traçado (design speed): 80 km/h. Detalhe: 2 pistas rolantes de 6,5 m cada (2 faixas de rolamento), 1 canteiro divisor, a fim de evitar conflitos de mão e contra mão, largura variável e retornos, 2 faixas de proteção laterais, arborizadas 7m cada, a fim de proteger de ruídos áreas limítrofes.” (COLE, 1961)

Grandes calçadas arborizadas, de 7m de largura cada, separam os carros dos locais de convivência e moradia, desenhando a paisagem de uma “moderna cidade jardim”.

As residências se aglutinam em dois tipos de conjunto, as unidades de vizinhança, do tamanho necessário para abrigar serviços comuns, como escolas de 1º Grau e as pequenas comunidades de vizinhos, estas últimas denominadas de unidades residenciais.

“No processo de se agrupar as unidades familiares há necessidade de se formar uma outra unidade de aglutinação social. A Unidade Residencial é a solução adotada nesse trabalho. Proximidade física, uso dos logradouros comuns e praça são os elementos de que se dispõe para alcançar este fim social.

A natureza e nível sócio-econômico determinam seu dimensionamento. Grupos de 15 a 40 famílias seriam ideais e se procurou manter as unidades residenciais nestes padrões tanto quanto possível.” (COLE, 1961)

As pequenas comunidades não são outra coisa que uma forma de conceber o denominado arranjo Radburn, via de pedestre terminada em cul-de-sac e projetada inicialmente na cidade americana de Radburn, e que seria utilizada em Welwyn e posteriormente nas

idades novas. Contudo, no projeto de Cole, as ruas sem saída não são exclusivamente de pedestres, solução que não teria muito resultado para os padrões culturais brasileiros, mesmo no início da década de 1960, quando o número de automóveis particulares era muito inferior ao atual.

Temos, portanto, uma proposta de cidade que se apropria do ideário cidade jardim, mas da forma como este foi repensado no urbanismo inglês do pós-guerra.

Uma tradição urbanística

Como já dito, o urbanismo inglês do pós 2ª Guerra, principalmente na concepção e implantação das new towns, desenvolve a tradição da cidade jardim de Ebenezer Howard e se inspira nos exemplos urbanos dessa tradição, em especial Lechworth e Welwyn.

Mas o projeto urbano das new towns também se apropria de outras propostas urbanísticas, principalmente aquelas defendidas nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna – CIAM – principalmente após o 4º Congresso de 1931. O famoso congresso da Carta de Atenas, de 1933, contou com a presença de arquitetos britânicos do então recém fundado grupo MARS (Modern Architectural Research Group), que organizaria o Congresso de 1947 na Inglaterra.

Em 1947, no CIAM 6 de Bridgwater, uma nova questão seria colocada para os arquitetos do movimento moderno, a de que deveria haver uma nova estética arquitetônica, onde as artes – pintura, escultura e arquitetura – deveriam ser combinadas para resultar num edifício que resgatasse o humanismo, visto agora como uma herança cultural. Essas questões seriam colocadas pelos membros ingleses do CIAM, e refletiam o debate que se dava na Inglaterra.

Segundo BULLOCK (2002), durante a Guerra, a visão mais radical da arquitetura e urbanismo funcional seria aos poucos abandonada pelos arquitetos modernos britânicos, e uma nova discussão surgiria, capitaneada pela revista *Architectural Review*. Esta discussão estaria centrada na busca de um “regionalismo” para ser aplicado na arquitetura e no urbanismo moderno. Eram citados como exemplo desse bem sucedido regionalismo, o chamado “new empiricism” sueco de Alvar Aalto e seguidores, ou a arquitetura brasileira de Neimeyer e Costa. Essa discussão levaria a Revista a defender um modernismo britânico, que resgatasse a tradição da arte inglesa, como por exemplo, o pinturesco.

Assim, a arquitetura e o urbanismo que os arquitetos britânicos começariam a produzir no pós-guerra, seja na construção das cidades novas seja na reconstrução das cidades bombardeadas, trilharia o caminho de um específico modernismo¹⁰, aquele que uniria os elementos definidores do funcionalismo (como a separação das funções no caso do

urbanismo) com o que era considerado a tradição inglesa. O resultado aproximaria a produção inglesa da sueca, segundo a maioria dos historiadores.

“É o relacionamento entre um grupo de edifícios mais do que os detalhes de um edifício individual que melhor determina a qualidade da arquitetura, tanto no pinturesco inglês quanto na arquitetura sueca contemporânea, argumentavam os editores [da *Architectural Review*]¹¹. (BULLOCK, 2002, p.35)

Mas essa discussão, que une tradições da arquitetura e do urbanismo das cidades jardins com o movimento moderno, era provavelmente muito mais generalizada em termos territoriais, e mesmo Le Corbusier em parte as adotaria.

MUMFORD (2000) diz que nos primeiros congressos CIAM, quando o modelo cidade-jardim ainda era muito discutido, o modelo social de implantação da cidade de Howard era incentivado por Le Corbusier, ainda que não o projeto urbano.

“A solução, ele propôs, foi a criação em cada país ou região de um órgão permanente, dirigido por uma poderosa ‘personalidade responsável e competente’ capaz de fazer com que novas regras sejam usadas no desenvolvimento urbano, regras que devem ser acordadas entre todas as cidades e regiões.

Essas regras poderão permitir a reserva de grandes parcelas de terreno para uso comum e permitirão a distribuição dos lucros advindos da urbanização para toda a comunidade. De várias maneiras, isto é a recuperação das idéias de Ebenezer Howard para as cidades-jardim. Ao contrário de Howard, contudo, a seção ‘Urbanismo’ do ‘Programa de Trabalho’ de Le Corbusier, assim como seus artigos para o *Bulletin Redressement*, enfatizavam a importância de edifícios de alta densidade nas áreas centrais das cidades, ainda que acompanhados do máximo de espaço possível para áreas verdes e sistema viário, através do uso de elementos construtivos como jardins na cobertura e ruas sob pilotis”¹².(p. 15)

Não devemos esquecer que a *Ville Contemporaine* é um centro comercial diversificado de alta densidade, cercado por áreas residenciais de baixa densidade, desenhadas à semelhança do ideário cidade jardim.

O urbanismo produzido pelos arquitetos ingleses nas *new towns* ou na reconstrução das áreas bombardeadas de Londres (principalmente a desenvolvida pelo *London County Council*) mistura as idéias dessas duas abordagens de cidade, é uma cidade funcional que não é facilmente legível, pois a cada passo deve-se ter uma nova perspectiva, uma surpresa, de acordo com a tradição pinturesca.

As transformações ou reformulações que o projeto urbano das *new towns* sofre, faz com essas aos poucos se aproximem mais do modelo funcionalista, principalmente no que se

refere ao desenvolvimento do sistema viário, ou na concepção de centros urbanos como grandes praças cívicas, destinadas exclusivamente aos pedestres.

As primeiras new towns construídas (além de Stevenage) foram Crawley, Hemel Hempstead, Harlow (todas para abrigar população de Londres) e Corby, Newton Aycliffe e Peterlee (construídas por motivos específicos e pontuais, como dar melhores condições de moradia aos mineiros de carvão em Peterlee).

Alterações significativas ocorreram quando foi desenvolvido o projeto de Cumbernauld e Hook, esta última não tendo sido construída.

O plano de Cumbernauld de L. Hugh Wilson foi apresentado em 1956. Este projeto mostrou uma nova tentativa para se criar uma cidade unificada, através da integração das moradias com um centro urbano “multi-nível” (separação completa entre a circulação de pedestres e veículos, que é realizada em níveis diferentes) e onde temos uma arquitetura mais monumental.

O plano de Hook, elaborado pelo London County Council, tinha propostas urbanísticas semelhantes, e provavelmente significou uma grande influência sobre o projeto urbano de vários países nos anos 1960, pois em 1961 o London County Council publicou um manual de projeto de uma nova cidade, baseado na proposta desenvolvida para Hook, cuja edição esgotou em pouco tempo.

A segunda edição, de 1965, quando o governo já tinha substituído o LCC pelo Greater London Council, em seu prefácio diz:

“Quando o London County Council publicou ‘O Planejamento de uma Cidade Nova’, em 1961, Sir Isaac Hayward, chefe do L.C.C., escreveu, ‘As Cidades Novas Inglesas foram uma grande contribuição para a felicidade humana e são um negócio de grande sucesso ... Eu acredito que a Grã-Bretanha ainda precisa de mais cidades novas, e o Council publica esse livro na esperança que os estudos de Hook possam ser úteis para todos que tenham a boa sorte de serem chamados para as planejar.’ Não se poderia prever então que o livro ganharia uma reputação internacional, seria publicado em japonês e em uma sintética versão alemã, e que seria solicitado continuamente por universidades, estudantes pesquisadores e autoridades locais em muitos países.”¹³ (GREATER LONDON COUNCIL, 1965, p. 10)

Parte dos desenhos e croquis do livro mostra a evolução das idéias projetuais. Um croqui, por exemplo, apresenta um centro urbano linear, de forma retangular, em anteposição as idéias mais comuns de centros circulares. Ele parte da reflexão feita a partir das cidades então construídas, pois um centro linear é considerado, naquele momento, como capaz de

propiciar melhor a proximidade “a pé” entre áreas residenciais e o centro, do que o modelo circular.

Outro desenho procura demonstrar que o melhor sítio para implantação das áreas centrais é o fundo de vale, pois a declividade natural do terreno propicia a construção de um centro “multi-nível”, com total separação entre a circulação de pedestres e de veículos, onde o tráfego flui paralelamente ao fundo de vale, enquanto a praça do centro cívico é uma grande esplanada apoiada, em ambos os lados, na cota mais alta das colinas que conformam o vale.

Essas idéias estão sendo discutidas, experimentadas, pelos arquitetos ingleses, principalmente no LCC, onde grande parte da produção pública de arquitetura é realizada. Se o debate entre soluções mais modernistas e mais vernaculares acontece no LCC, o debate parece pender para o segundo tipo de solução.

Segundo MONTANER (2001) a tendência vernacular (ou do novo empirismo) é abraçada por um grande número de arquitetos, entre eles Percy Johnson-Marshall e Robert Matthew, dois influentes arquitetos do LCC, o primeiro tendo sido chefe de Cole.

Essa é a escola que Cole freqüenta na Inglaterra na metade dos anos 50.

Não surpreende portanto, que sejam muito claras as semelhanças entre seu projeto urbano, entre sua concepção de centro urbano e a produção inglesa dos anos 1940 e 50¹⁴.

Mas as new towns, além desse projeto urbano característico, recuperavam alguns conceitos “howardianos”, como *balanced towns* e *self-contained towns*, ou seja, cidades equilibradas e auto-suficientes. E de certa forma esses conceitos são repetidos por Cole ao defender sua proposta urbanística para Santo Antônio.

Se a Nova Cidade Santo Antônio era um empreendimento comercial (lotes que seriam comercializados individualmente para operários de Volta Redonda preferencialmente) não havia como pensá-la com um desenvolvimento comunitário, como propriedade comunitária.

Mas negando o espírito mais comercial no desenvolvimento de loteamentos, Cole faz o discurso da cidade completa, como contraponto aos loteamentos urbanos que naquela década cresciam de forma assustadora em todas as cidades brasileiras, em sua maioria sem qualquer infra-estrutura ou serviços.

“O sistema hoje corrente no Brasil de loteamentos como simples repartição de terras para venda indiscriminada, já se mostrou inteiramente ineficiente para resolver os problemas das populações que a eles têm que recorrer. Possibilita tão somente o fim imoral de se especular com a terra em prejuízo direto aos que deles têm que se servir assim como as comunidades adjacentes pois os loteamentos são realizados

desordenadamente e independentemente do processo de crescimento orgânico das áreas urbanas e áreas rurais e assim não levando em conta a intercomunicação e ampliação da infra-estrutura regional. Como conseqüência se destrói no nascedouro a evolução harmônica da ocupação do solo e serviços de infra-estrutura e super-estrutura provocando ruptura do equilíbrio social.(COLE, 1961)

É, assim como Howard achava, o equilíbrio social que está em jogo. A defesa do partido faz clara referência ao conceito estabelecido por Howard e que continuou a ser utilizado nas cidades novas, de cidades equilibradas (balanced towns). Ao defender sua idéia COLE (1961) fala em “comunidade balanceada”, numa tradução quase literal do inglês.

“Encontramos todavia um elemento essencial à criação de uma COMUNIDADE BALANCEADA – a COLÔNIA AGRÍCOLA SANTO ANTÔNIO já instalada e em funcionamento e abastecendo as cidades próximas sem no entanto estar a plena capacidade de produção por não haver na região mercado de consumo para a absorção de sua produção – assim foi possível resolver o problemas dentro do ideal contemporâneo de planejamento físico para macro-regiões de baixa densidade demográfica, ou seja, a – COMUNIDADE BALANCEADA – que em sua essência é uma comunidade urbano-agrícola.” (COLE, 1961)

A comunidade balanceada é a solução para o crescimento desordenado das cidades brasileiras. Contudo, este conceito que na visão howardiana se relaciona à mistura de pessoas de várias classes sociais no mesmo espaço urbano, é confundido com o conceito também howardiano de comunidade auto-suficiente (self-contained), que se cristaliza na mistura de atividades urbanas.

Mas Cole acredita que sua cidade também será equilibrada, citando expressamente na apresentação do trabalho, que a própria cidade geraria na população “uma diferenciação entre seus níveis econômico–sociais” (op. cit.).

É assim, uma proposta de cidade jardim, ou melhor, de new town, que infelizmente para nosso estudo, acabou não sendo implantada.

Conclusão

A difusão do ideário da cidade jardim no Brasil é antiga. Segundo EDUARDO (2005) esse ideário é difundido pelo movimento higienista do final do século XIX e início do século XX, que advoga a implantação de cidades jardim como forma de melhorar a saúde dos seus moradores, através do:

“... estímulo aos exercícios físicos e à prática de esportes, bem como, a obtenção do ar puro para o bom funcionamento dos ‘pulmões das cidades’” (p.1)

EDUARDO (2005) citando o trabalho de Carlos Roberto Monteiro de Andrade sobre a obra de Barry Parker¹⁵ diz que, como defendido por Andrade, o ideário da cidade jardim só teria uma real difusão após o desenvolvimento dos bairros jardins da Companhia City em São Paulo. Diz ainda que segundo alguns especialistas, essa difusão a partir do bairro jardim significou mais uma redução do que uma difusão.

Mas esse ideário aparentemente esteve um pouco esquecido no final da década de 1950, quando o paradigma de proposta urbanística brasileira passou a ser a Brasília de Lúcio Costa, um projeto que seguiu rigidamente os cânones do urbanismo modernista.

Se a proposta de Cole recupera elementos desse ideário, concebida curiosamente em um período em que este trabalhava na Novacap em Brasília acompanhando a obra de implantação da cidade, ele o faz a partir da releitura que foi feita na Inglaterra no 2º Pós Guerra, e nesse sentido representa uma nova manifestação daquele ideário.

Bibliografia

BUDER, Stanley – *British New Towns, 1945-1980*. In Visionaries and Planners – The Garden City Movement and the Modern Community. Oxford, Oxford University Press, 1990.

BULLOCK, Nicholas – Building the Post-War World – Modern Architecture and Reconstruction in Britain. Londres, Routledge, 2002.

COLE, Harry James – Nova Cidade Santo Antônio – Barra Mansa – Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1961. (prospecto de venda)

EDUARDO, Anna Rachel et al – Circulação e Difusão de idéias urbanísticas no Brasil: o caso das Cidades-jardins. Salvador, cópia digital, 2005. (artigo publicado nos Anais do XI Congresso Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR)

GIBBERD, Frederick – *The master design; landscape; housing; the town centres*. In EVANS, Hazel (ed.) – New Towns: The British Experience. Londres, Town and Country Planning Association/Charles Knight & Co. Ltd, 1972.

GREATER LONDON COUNCIL – The Planning of a New Town. Londres, Governo de Londres, 1965. (Dados e projetos baseados em um estudo para uma New Town de 100.000 habitantes em Hook, Hampshire)

HOWARD, Ebenezer – Cidades-Jardins de Amanhã. São Paulo, Hucitec, 2002. 2ª ed. (1ª edição inglesa 1898)

LOPES, Ana Yara D. P. – Pioneiros do Capital: A colonização do Norte Novo do Paraná. São Paulo, FFCHLUSP, 1983. (dissertação de mestrado no Programa de Ciência Política)

MONTANER, Josep Maria – Depois do Movimento Moderno – Arquitetura da segunda metade do século XX. Barcelona, Gustavo Gili, 2001.

MUMFORD, Eric – The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960. Cambridge, The MIT Press, 2000.

OSBORN, Frederic e WHITTICK, Arnold – *Stevenage*. In The New Towns – The answer to megalopolis. Londres, Leonard Hill, 1963. (Cap. 12 – p. 152/167)

RODWIN, Lloyd (1964) – *Economic Problems in Developing New Towns and Expanded Towns*. In Planning of Metropolitan Areas and New Towns. Nova York, United Nations, 1967. (artigo preparado para o Simpósio das Nações Unidas sobre Planning and Development of New Towns, realizado em Moscou em Ago/Set 1964)

¹ Harry Cole foi um personagem importante na história do planejamento urbano no Brasil nas décadas de 1960 e 70. Entre 1958 e 61 trabalhou na Novacap - Escritório de Urbanismo de Brasília, acompanhando a construção da nova capital. Na década de 60 se envolveu em vários projetos como coordenador ou consultor, até 1964 quando passaria a desenvolver atividade pública no governo federal. Teve uma atuação significativa nas proposições da política urbana da Ditadura Militar. Trabalhou inicialmente no Ministério de Planejamento com Roberto Campos, sendo responsável pelo desenvolvimento de políticas de planejamento urbano e regional. Durante o Governo Costa e Silva foi Superintendente do SERFHAU – Serviço Federal de Habitação e Urbanismo do Ministério do Interior (1967/68), e pode ser creditada a sua atuação a reformulação e transformação do órgão no principal difusor de planejamento urbano municipal. Em 1968 criou a empresa H. J. COLE + ASSOCIADOS S. A. – Planejamento e Empreendimentos, onde, desta data até 1980, desenvolveu uma série de projetos urbanísticos e arquitetônicos.

² Existe loteamento aprovado na Prefeitura Municipal, do qual quase nada foi implantado. Mas o loteamento aprovado para o local não é o projeto de Harry Cole, apesar de ter um traçado orgânico que lembra sua proposta.

³ Osborn, arquiteto inglês, trabalhou com Howard na difusão da cidade jardim, e após a morte dele continuou a luta pelas cidades jardins na Inglaterra, influenciando vários homens públicos, inclusive Abercrombie, que propôs no Plano de Londres a construção de cidades satélites para desconcentrar a população londrina.

⁴ “Many in the party’s leadership aspired to a “socialist commonwealth”, a planned and largely nationalized economy, as an alternative to the inefficiencies and impersonalities of market capitalism” (tradução nossa)

⁵ As cidades novas inglesas, de acordo com seu plano e características, são divididas em três conjuntos pelos historiadores, conhecidos como Mark I, II e III. Até os últimos anos da década de 1950 foram projetadas e começaram a ser implantadas as Mark I, que seguem as prescrições do Relatório Reith e o ideário cidade-jardim. As Mark II, projetadas no final dos anos 50 e início dos anos 60 começam a se diferenciar do modelo padrão, enquanto que as Mark III, projetadas na década de 60 rompem definitivamente com o ideário cidade-jardim e se aproximam do ideário do urbanismo funcionalista. Podem ser considerados como exemplos desses três períodos Stevenage, Cumbernauld e Milton Keynes respectivamente. Cf em BUDER, 1990.

⁶ “Typically, most are relatively small, ranging in proposed population from 20,000 to slightly more than 100,000, with 60,000 to 80,000 persons representing the modal size. The residential areas are generally divided into several neighbourhoods of approximately the same size, each containing one or more primary schools, shopping areas and different kinds of playfields, and all are grouped around the principal town centre. Secondary schools roads connecting the principal neighbourhoods and districts. Smaller, and often curved, streets knit together the neighbourhoods. As a rule, the neighbourhood and town centres rely on Access by pedestrian and public service routes; but there is increased concern about making better provision for the car. The shape of the towns is irregular, and generally not easily distinguished except from the air or by reference to maps. Open space abounds. Densities for most towns are relatively low, ranging from about twelve to eighteen houses an acre.” (tradução nossa)

⁷ “Although all the new towns have an overall similarity in appearance, through being built in a short space of time for a society with common characteristics, each one has its own individual character or personality due largely to the topography in which they are set, the individuality of the development corporations responsible for them and the imagination of designers involved.” (tradução nossa)

⁸ The broad pattern that evolved in the master plans is based on our way of urban life; a way which, amongst other things, prefers segregation of home and work, which has an innate love of nature, which enjoys open-air exercise; and which, although demanding privacy for the individual family, likes some measure of community life. It is a way of life in which most families no longer like living in town centres, preferring a suburban environment of two-storey houses with private gardens, and it is one which is largely dependent on motor transport, with the private car as the ideal.” (tradução nossa)

⁹ “The building of the tall block, especially at so early a stage, has since been recognised as a mistake. Probably the motive was to have a small proportion of flats near the town centre. Designed for middle-class tenants, they did not prove very acceptable to the workers who first came to the new town, whose natural reaction was that there are plenty of tall blocks of flats in London in the midst of all the recreations of life the metropolis provide. If they were merely to get the same thing at Stevenage they might as well stay in London. (tradução nossa)

¹⁰ Contudo essa postura teria forte oposição, principalmente de jovens arquitetos ingleses que se aproximariam nesta época, da obra de Le Corbusier e Mies Van Der Rohe, e que na arquitetura daria origem ao brutalismo inglês, liderado pelos Smithson.

¹¹ “It was the relationship between the aggregate of buildings rather than the detail of the individual building that did much to determine the quality of architecture both in the English Picturesque tradition and, argued the editors, in much of contemporary Swedish architecture.” (tradução nossa)

¹² “The solution, he proposed, was the creation in each country or region of a stable body, directed by a powerful ‘responsible and competent personality’ able to make new laws governing development, laws which must be consistent between all cities and regions. These laws would allow the assembly of large parcels of land for redevelopment for common use and would permit the distribution of profits from land development to the community. In some ways, this was a restatement of the ideas of Ebenezer Howard’s Garden City.

Unlike Howard, however, the 'Urbanism' section of Le Corbusier's 'Work Program', like his articles for the Redressement's *Bulletin*, asserted the importance of building at very high densities in the centers of cities while still allowing the maximum space for greenery and transportation routes, through the use of design elements such as roof gardens and streets on pilotis." (tradução nossa)

¹³ "When the London County Council first published 'The Planning of a New Town' in 1961, Sir Isaac Hayward, Leader of the L.C.C., wrote, 'The English New Towns have made a notable contribution to human happiness and are rightly successful ventures... I believe that Britain still needs more new towns, and the Council publishes this book in the hope that the Hook studies will be useful to those who have the good fortune to be called on to plan them.' It could not have been foreseen then that the book would gain a world-wide reputation, be published in Japanese and in an abridged version in German, and enjoy a continuing demand from universities, research students and local authorities in many countries." (tradução nossa)

¹⁴ Projetos posteriores da década de 70, que estamos analisando, mostram a influência de um debate posterior, dos anos 60.

¹⁵ "Barry Parker: um arquiteto inglês na cidade de São Paulo" São Paulo, 1998. Tese de doutoramento apresentada à FAUUSP.